

LÁGRIMAS QUE VOAM

Raeltom Santos Munizo (UESB)¹

Alvamaral, Parece que a antiga mania de amanhecer se repete, pois me veio a sensação de que o jardim acima de nós está sendo agulhado por Sol. Mas, sem mais breve percepções, vamos à missão de hoje: relatar com ânimo às paredes ressecadas e entediadas deste sótão, mais uma vez, a história dessa mulher viúva de si. Desculpe minhas queridas companheiras de cárcere se vos enfadonho com minhas lamúrias, mas preciso entreter-lhes com alguma coisa de mim, mas não se preocupem, pois o que me resta é o cisco em ruínas, por isso, vai ser breve e enfadonho. Ah! Vocês bem sabem que as palavras vindouras não trarão em suas veias líquido novo e nem sequer afortunadas vivências; pelo contrário, os seus vasos de enredo serão secos, ou se tiver alguma coisa neles, de certo, será algo como o pó que advém de seus rígidos corpos estéreis, uma de vossas singularidades que também me cabe.

Princípio o meu relato tentando levar a minha memória até a superfície, mesmo sabendo que é mais difícil para uma pessoa tomar fôlego, depois de ter mergulhado em terra densa. O século era o XIX, a mulher em destaque era quase isso o que eu sou hoje, só que fugaz, esbelta, atraente, feliz, ou melhor, acho que não tem nada a ver com isso que está lançando palavras a vós; a terra não era esse cemitério de refugiados do destino que está sob nossos corpos, mas sim, uma região do Sul que tinha uma colina vestida de crisântemos ao leste e o nobre norte era banhado por um suntuoso rio. Nossa! Esqueci-me de repetir-lhes o meu rótulo de humana malsucedida que, na verdade, eu acho que é Morgana! Eu acho!

Os Fernandes eram a minha família e dela resultou as pessoas que moram acima de nós que, por gentileza, hospedam-me em seu porão e me lança pela brecha da porta um prato de comida todos os dias, aliás, eu marco as horas justamente pelo momento em que me chega o alimento. Inclusive, de vez em quando, elas vêm olhar bem rápido se estou me comportando bem. Minha estirpe era detentora de grande parte das terras do monte Calvário. Os Alvamaral, por sua vez, eram detentores de uma pequena faixa doada pelo governo sul-rio-grandense, cuja distância de minha casa não passava de um quilômetro. A terra deles situava-se próximo ao rio Lampião, grande emaranhado de fios transparentes e suntuosos, cujas margens eram ricas em nutrientes dos amores, paixões e desilusões. Enfim, lhes digo que as intrigas entre as famílias

¹ Professor, graduado em Letras Vernáculas e mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Possui textos literários e artigos publicados em revistas acadêmicas nacionais e internacionais.

começaram a despontar quando meu pai descobriu um antigo documento que nas suas linhas traiçoeiras e ambiciosas estava grafado que a nossa propriedade ia de encontro às águas daquele rio.

O meu papai, por não se dar bem com os vizinhos e por apresentar aversão ao atual governo, talvez porque foi no passado homem belicoso, e de esquerda até morrer, resolveu de um ímpeto furioso, tomar para si aquilo declarado num papel sem consideração para com o outro e que, implicitamente narrava o meu destino avulso com linhas solitárias.

Olha meu frio alfinete Alvamiral, acho melhor parar um pouco com essa lembrança, pois prefiro falar às paredes sobre o meu estado presente, até porque, elas já ouviram e sentiram no alicerce o eco oco que estrutura meu passado. Parece que elas ficaram felizes com esse desvio de sofrimentos! Minhas queridas, eu vos faço companhia todos os esquecidos dias dessa longa fase de minha existência, mas percebo que não me conheces bem, talvez porque eu seja contida demais, será? Enfim, vou lhes exprimir meu presente pelo seio dele, pois é aqui que um empoeirado coração ainda insiste em produzir calor; é ele também o detentor dos resquícios d'um duvidoso amor que deixou como resto essa mulher neutra, cujas características não são desejadas por mulher alguma. Então, lembrei dos meus desejos e bons afazeres: sonho em terminar de desenhar no chão sujo com os dedos, uma tela que emula a Mona Lisa; de vez em quando, também recolho os pedacinhos de vidros coloridos que estão espalhados pelo chão e pelas carnes dos meus pés, com o intento de reuni-los e formar um mosaico à lá moda medieval.

Um minuto de fôlego, por favor! Pois falar mais de cem palavras por dia, me cansa a mole arquitetônica da alma. Olha, não pense vocês que sou uma dama rancorosa, pois, choro, rio e suspiro em ritmo brando. Na verdade, meu choro transborda como um frio pó, por isso minhas leves lágrimas pairam constantemente pelo espaço-tempo desse sótão e pousam suavemente e com segurança em vocês, minhas fiéis ouvintes. O meu árido sorriso é contornado por uma poeira levemente umedecida por uma saliva amarga que lhe confere brilho. Não vou falar do suspiro, porque é algo que ocorre não sei quando, nem porque, nem para que, inclusive, acho que ele cometeu o engano de existir em mim e, por isso, às vezes, me sinto culpada de estar roubando de alguém que espera ansiosamente esse ar fresco capaz de percorrer todo nosso interior e a causar emoções novas e inquietantes.

Chega! Enganei-me, o presente é mais entediante e o passado é mais abrangente e proveitoso para se narrar a história de meu amor arcaico. Como lhes falava, o meu pai, chefe mor da família, começou a mover sua ambição em direção ao território do rancor, e não demorou muito, os Alvamiral receberam em sua sossegada e alegre comodidade, a notícia advinda de boca alimentada pela fúria do Sr. Fernandes. A reação deles foi vir até minha casa

e conversar conosco sobre o caso que chegou aos seus ouvidos. Quando enfim foram em meu lar, fui eu quem vos atendeu. O destino provoca pela porta da frente! Ao me deparar, naquele momento, com um senhor tão diferente de tudo o que vi ou sentir, cuja face estampava um olhar determinado e compassivo a tal ponto de me fazer mergulhar em mim e emergir no leve brilho das águas dos seus olhos densos e tenros. Fiquei alguns segundos em um êxtase inerte, mas aí, voltei a mim, cumprimentei-os e perguntei o que queriam, e assim que meu pai chegou, eu saí e ele tomou as rédeas do atendimento às visitas.

Só sei que depois daquele dia, os Alvimiral e os Fernandes começaram a ocupar cada um dos lados do tabuleiro de xadrez. A primeira ofensiva do Senhor Fernandes foi lançar fogo no milharal dos Alvimiral que já estava pronto para a necessitada colheita. Infelizmente, o incendiário foi avistado pela Senhora Ana, esposa do Sr. Antônio Alvimiral, que percorreu as beiras da plantação inundada por famintas chamas verticais, a fim de chegar logo em casa para tentar obter ajuda capaz de extinguir o fogo e salvar a safra.

O esforço de Ana não foi o suficiente, pois, quando a família avistou o local do milharal, este já não estava mais em chamas, nem mesmo o belo rio refletia mais as tonalidades das lavaredas, por que aquele local havia se tornado um cemitério de esforços, trabalho duro e sepultava também qualquer esperança de reconciliação entre as famílias vizinhas.

No outro dia, ao realizar minha caminhada matinal, avistei do monte uma longa sombra que contornava e ofuscava o lustroso Lampião, e ao me aproximar, vi o Senhor Antônio fincado com as mãos na terra negra e ainda quente. Confesso que fiquei com medo de aproximar, mas depois num ímpeto incontrolável, minha mão começou a perfurar o espaço de ar até pousar em seu ombro; nesse instante, ele olhou para o poente, onde eu estava, e seus olhos encharcados com lágrimas que mal conseguiam pingar naquele quente e morta terra, devido ao fato de evaporarem assim que deixava seu seio, e por isso, de imediato, ele não conseguiu conhecer quem era aquela pessoa.

Eu disse “oi” e perguntei o que havia ocorrido, daí, ele enxugou meio envergonhado as lágrimas e mirou profundamente seus olhos em minha frente. Então, levantou-se lentamente e com altivez olhou-me mais uma vez para confirmar sua lembrança e, numa reação cabível à situação, segurou com força meus ombros e com uma expressão inerte frente ao meu rosto imóvel, começou a bradar contra minha família que tinha destruído sua renda. Eu não entendi ao certo o porquê daquelas palavras agressivas, porém, ao ser tocada por aquele distinto senhor, sentir mais uma vez a inquietante sensação de naufrago.

Quando suas mãos afrouxaram meu ombro, sai correndo em desalinho e acompanhada pela poeira escura até minha casa, onde entrei sem fôlego, queimando por dentro e pálida por

fora. Meus pais ao perguntarem o que estava acontecendo, respondi-lhes depois de cada suspiro com palavras que tentavam imitar aquelas emitidas pelo Sr. Antônio Alvimiral. A reação do meu pai foi forjar um imenso sorriso na cara em homenagem ao intento alcançado e agradecer com gritos alegres a algo que ele chama de Deus. Então, com esse ato de papai, comecei a entender tudo e a pensar numa maneira de pedir desculpas aos vizinhos afetados em nome de meu desgosto.

Os dias foram passando... Escute! Não vos enformo, minhas fiéis elocutórias, as datas, porque elas não me veem à memória com exatidão. No entanto, vos dou a certeza de que parecia que o tempo havia quebrado uma de suas pernas, pois demorava tanto a passar. O meu pai achou melhor que não deveríamos passear próximo ao rio, porque ele tinha medo de que os Alvimiral fizessem alguma maldade contra nós. Com isso, tive que achar outra maneira de realizar minhas caminhadas, nas quais pudesse avistar mesmo que de longe o belo Lampião. Foi, então, que escolhi o lado do monte onde ficava um abismo sem chão, sem tempo, somente composto pelo coração do vazio; esse lugar me dava receio, porque minha visão não penetrava até a base e também porque ele devorava minha voz e tudo aquilo que mergulhava em seu corpo. O abismo, além de servir como cemitério de animais, diminuía também a nossa audição, porque quase não se ouviam os flexíveis ventos do Rio Grande do Sul desabarem nos poros da sua rude pele.

Esse precipício, com o tráfegar do tempo, tornou-se meu ouvinte, pois todas as manhãs, essa mulher que vos enfadonha com suas memórias inquietas, lhe falava de seus sentimentos presos e das manhas de adolescente inquieta. Um dia de branda chuva, encontrei a Srt^a Ana próxima ao abismo, então, fui até ela e a perguntei se precisava de ajuda, mas ela respondeu com um “não” curto e ríspido e que, só estava esperando o marido para buscá-la. Fiquei ali sentada em uma pedra, esperando-a sair para confessar-me ao meu novo amigo, mas acho que ela se irritou com a presença de uma Fernandes e saiu sem dá tchau. Enfim, comecei a desabafar e alimentar aquele abismo com minhas palavras.

O Senhor Antônio Alvimiral sem saber que a sua esposa havia voltado para casa sozinha, veio até o abismo, e chegando próximo, me viu deitada à beirada daquele lugar e ouviu a minha ruína pelos meus próprios lábios que derramavam tudo aquilo o que eu sentia ao pensar e imaginá-lo me tocando. Agora, eu entendi que foi a partir daquele momento que “meu amigo”, na verdade, não desejava ser o único a conhecer o meu íntimo segredo, pois não me avisara do ouvinte em retaguarda. No fim de minhas frases amorosas, o Senhor Alvimiral se mostrou presente por meio do salto que o tirava de cima de um alvo cavalo. Eu levei um espanto somente pelo pulo, mas quando vi quem era a pessoa, o susto foi ainda mais colossal. Então, perguntei o que ele estava fazendo ali, depois me respondeu que além de vir buscar sua esposa, estava

também ouvindo as mais abundantes palavras que uma mulher já havia falado sobre ele. Era o fim de meu segredo, era o fim de minha dignidade, era o fim; ele, mais uma vez, me olhou tão lá no fundo que, nem mesmo eu tinha ideia que esse lugar existia em mim. Ficou assim por eras de segundos, até que, estendeu seus braços até meu colo e apertou-o com segurança e levou por um trajeto retilíneo, meus lábios ressecados até sua boca arejada, e lá ficaram pousados e deslizando por longos e almejados instantes.

O amor veio à espreita e não no momento oportuno, mas o importante é que veio. Nunca meu peito fora tão contaminado pela felicidade e nunca minha mente se esvaíra em tamanhas ilusões quando avistava alguém ou algo. Porém, não era simples manter um crime de tal porte encobrido pela inocência de uma mulher de quinze anos e pela dissimulação de um homem acima dos trinta. O tempo foi trafegando por nossos destinos e nos prevenindo de nebulosas tempestades de pó, mas a vontade de amar era maior do que pensar nas consequências de uma relação de adultério entre pessoas que, no mínimo, deveria nutrir sentimentos de ódio um pelo outro.

Todos os dias, eu caminhava em direção à felicidade matinal. Ah! Minhas nobres paredes, meu pai perdeu a causa, que aconteceu um mês depois do incêndio, também devido à testemunha de Dona Ana e de um pescador que também viu o responsável. Mas, se por acaso vocês pensam que sua fúria se amenizou, acho melhor degolarem logo essas ideias, porque a conformidade era a primeira coisa a ser esnobada pelo Sr. Fernandes. O moço do fórum nem chegou a prender meu pai pelo feito irresponsável, mas ao menos lhe fez pagar indenização aos Alvimiral, mas só isso.

O encontro com Antônio já tinha virado hábito e necessidade, pois ficamos praticamente dois meses nos vendo. No entanto, essa alegria de principiantes logo iria findar. Meu pai tinha um inestimável garrote que estava numa roça próxima ao precipício e que tinha escapado durante a noite; a notícia da fuga chegou pelo peão que, a mando do meu pai, foi aplicar uma injeção no animal. Eu já havia saído de casa, no instante em que o Sr. Fernandes soube do ocorrido, para encontrar a minha felicidade. Meu pai, por grande apreço ao novilho, resolveu ir sozinho procurá-lo nas beiradas do abismo. Pelo fato de ser este um dia contaminado por uma bruma branca como poeira de lua, não avistei o Sr. Fernandes se aproximar sorrateiramente pela esquerda, aliás, nem ele conseguiu ver de longe quem eram aqueles dois amantes ali em pé. Quando restavam poucos passos entre ele e nós, enfim, seu olhar paralisou-se com a imagem captada, mas sua reação foi se afastar até onde a visão não alcança a desgraça e desonra de sua vida. Enfim, foi isso e todo o resto, que ele me contou em pormenores após o dia do fim.

Ao recuperar o fôlego, o Senhor Fernandes sorriu. Sorriu até perder novamente o ar, pois, pela primeira vez sentira orgulho de mim, porque eu lhe dei a solução dos problemas pessoais com Antônio.

Sabendo de meus encontros matutinos, papai começou a arquitetar planos para que o novo romance aparecesse às claras de modo sombrio. O dia do desvelamento foi límpido como a luz presa nos pelos lunares, que combinava com o brilho do olhar e dos sorrisos de Antônio e eu. Meu pai, apressando o fim por meio de uma mentira, correu até a casa dos vizinhos mais distantes, onde ele contava a absurda história de que havia ouvido uma voz de criança despontar do nebuloso abismo e, por isso, pedia-lhes a ajuda para socorrer uma inexistência e matar duas vidas. Ele reuniu todos os moradores da redondeza, inclusive os Alvamiral e os Fernandes, e assim, dirigiram-se para o espetáculo.

Antônio e eu estávamos tão felizes naquela calma manhã, que mal sentíamos o ar adentrar e sair de nossos seios, por tal razão, não vimos o momento de aproximação do público. Aconteceu! O primeiro som que ouvi no momento em que nos beijávamos sem trégua foi o grito dissimulado e rompante do meu pai. Olhamos para traz ainda com o riso estampado no rosto, mas segundos depois, meu coração desprende-se das veias e, o pranto foi desaguando sem cessar. Antônio nem conseguia expressar o íntimo vergonhoso, pois ficara estático com aquele pesadelo em vida. Então, o Senhor Alvamiral, ao voltar em si, correu até cair aos pés de sua família e, ajoelhado, pedia-lhes perdão, cruzando as mãos trémulas molhadas de lágrimas. A sua família o amaldiçoou e pedia para que ele sumisse e corresse até onde os seus caminhos nunca se cruzariam. Naquele instante, eu senti uma forte dor chegar com um vento sonoro que penetrava no precipício; foi nesse mesmo momento que Antônio se levantou e começou a correr em minha direção com os braços abertos, meu íntimo se preencheu com breve alegria, pois achava que ele corria para abraçar-me, porém, seu corpo passou por mim e deixando impregnado em minha pele seu cheiro, ele lançou-se pela garganta do abismo.

Todos pararam por um instante, somente o sorriso de meu pai se movimentava em constância. Eu tentei, tentei e tentei me atirar naquele cemitério, mas papai me segurou com um forte abraço, com poucas e baixas palavras, repetia em meus ouvidos: parabéns! Você me fez o pai mais orgulhoso do século, porque sua existência me deu a vitória.

Nas margens do abismo fiquei com minhas unhas fincadas tentando mergulhar em seu grito, mas as mãos frias do meu pai não me deixavam trilhar o ameno percurso da felicidade. Então, meu leve pranto continuou a voar meio às linhas que o vento tracejava no espaço daquele cemitério. Desde então, minha boca não moldou nenhum som para meus semelhantes, apenas

suga pouco ar. Hoje, muitos anos desperdiçados depois, sou uma mulher senil, delgada, arcaica e ainda adúltera de consideração e que espera o suspiro que forma o som do fim.

Recebido em: 24/11/2023

Aprovado em: 16/12/2023

Publicado em: 09/04/2024



10.29281/r.decifrar.2023.3a_17